

Sidi-Mohammed, bey de Tunis. — Gravura de Coelho Junior.

Tunis é um estado ou regencia, o menor, mas o mais povoado dos estados berberescos, entre a Argelia a oeste, e o estado de Tripoli a leste. Tem 580 kilometros de norte a sul, e 290 de largura, com um milhão e meio de habitantes. Divide-se em dois districtos, Frikiah ao norte, e Farachise ao sul. É mui pouco montanhoso. Não é abundante d'aguas correntes: além da ribeira Medjerda, poucas e insignificantes são as outras. Tem quatro lagos, entre elles o de Ludeah, ou lago dos Marques, e o lago de Tunis a leste da cidade d'este nome. O clima é quente. Tem minas de prata, cobre, chumbo, mercurio, muito sal, e aguas mineraes e thermaes. O solo é extremamente fertil: produz todos os fructos da Europa meridional, e parte dos das regiões equinocciaes. As tamaras de Tunis passam por ser as melhores d'Africa. Tem optimos cavallos, camelos mui sobrios, pombas enormes, etc. A população é uma grande mescla de mouros, turcos, kulugris, judeus, christãos, e renegados. A sua industria é mui activa, mas limitada a certos artigos, como sabão, lanagens, marroquins, chales quadrados, e barretes vermelhos, que se exportam até para a America. O seu principal commercio é com o interior d'Africa; mas o bey tem quasi exclusivamente o monopolio d'elle, que arrenda a uma companhia de judeus. O governo é monarchico electivo, exercido por um bey, eleito pelo exercito, mas que aparenta depender da Turquia, e recebe investidura do sultão. O paiz de Tunis corresponde ao territorio de Carthago. Sob o imperio dos romanos formava as duas provincias, d'Africa propriamente dita, e de Byzacena. Depois fez parte do reino dos vandalos, do imperio do oriente no tempo de Justiniano e de seus successores, do vasto imperio dos califas no VII seculo, do estado dos aglabitas ou de kairuan em 800, dos fatimitas em 909, depois dos zeiritas em 972, e dos almohades em 1160. Em 1206 os hafsitas fundaram n'elle uma soberania independente, que durou muitos seculos. Em 1534 Barba-roxa tomou Tunis em nome dos turcos: um anno depois Carlos V restituiu ao estado o principe desthronado, Muley-Hassan, e poz guarnição na Goleta. Em 1573 apoderou-se de Tunis D. João d'Austria; mas no anno seguinte foram expulsos os hespanhoes, e o turco Sinan-pachá sujeitou o paiz á auctoridade do grão-senhor, fazendo d'elle um pachalato. Um seculo pouco mais ou menos depois, os janizaros turcos, que formavam a guarda dos pachás,

se arrogaram o direito de eleger o chefe do estado, que successivamente se foi tornando cada vez mais independente da Porta. Estas eleições militares tem dado logar a frequentes revoluções. Em 1811 Hamuda-pachá livrou Tunis de toda a sujeição, e destruiu a milicia turca.

O actual bey de Tunis é Sidi-Mohammed. O seu governo começa a distinguir-se por uma pronunciadissima tendencia a fazer entrar o seu estado no largo caminho da civilisação europea.

Ainda por meiado do anno passado o governo de Tunis espantava toda a Europa com um acto de barbaro fanatismo, fazendo um auto de fé, a poucas legoas de distancia das possessões francezas na Africa, e suppliciando n'elle um pobre judeu blasfemo. A datar d'isso se póde dizer que começa a regeneração de Tunis. Por aquella occasião a intervenção dos representantes das potencias christãs junto ao bey, e principalmente a do encarregado de negocios de França, foi logo apoiada com a chegada d'uma esquadra franceza ás aguas de Tunis. Esta demonstração, que não tinha o menor caracter de ameaça, deu ao bey a força moral necessaria para impor ao seu povo, e a alguns personagens tresvariados pelo fanatismo, as reformas tornadas desde então indispensaveis.

Foi em presença do almirante Trehouart, commandante da esquadra, acompanhado de sessenta officiaes da marinha imperial, que o bey, cercado do corpo consular residente em Tunis, dos ulemas, e de todos os altos dignatarios da regencia, jurou solemnemente respeitar d'alli em diante a vida dos habitantes do seu estado, qualquer que fosse a sua religião e nacionalidade, egualando-os em direitos e protecção. Depois de receberem o juramento do bey, os ulemas fizeram a Deus uma invocação, e pediram ao Todo-Poderoso benção para as resoluções do seu principe.

Era em 9 de setembro 1857 que tinha logar aquella imponente ceremonia. Uma constituição foi outhorgada, e importantes reformas decretadas.

O imperador dos francezes confiou tanto na lealdade das intenções de Sidi-Mohammed, que lhe enviou, não só como recompensa, mas tambem como estimulo, a grão cruz da legião da honra A condecoração foi enriquecida com brilhantes, sem duvida para lhe realçar ainda mais o resplendor.

Para testimunhar publicamente os seus sentimentos de reconhecimento, o bey quiz dar o maior apparato possivel á entrega da condecoração, com que ficou ufanissimo; e convocou no seu palacio do Bardo todos os consules estrangeiros, e todos os grandes do paiz.

Em carruagens da corte foram conduzidos ao palacio o encarregado de negocios da França, Leon Roches, os officiaes da legação, e os deputados e notaveis da nação franceza.

Todas as tropas disponiveis formavam alas desde a entrada do Bardo até ao salão francez onde houve a recepção.

Introduzido pelo conde Raffo, ministro dos negocios estrangeiros, Roches, depois de ter annunciado a sua alteza o favor de que era objecto, revestiu-o com as insignias de grão cruz, conduzidas sobre ricos cochins pelos officiaes da legação, e deu-lhe o *golpe*, ceremonial desusado até então, que produziu grande effeito na assemblea musulmana. Era com custo que Sidi-Mohammed continha a sua emoção e alegria. Na resposta que deu ao encarregado de negocios testimunhou alto reconhecimento á França, e renovou a promessa, ha pouco tempo feita n'aquella mesma sala, de dar o mais promptamente possivel execução ás reformas decretadas.

Aquellas duas ceremonias impressionaram profundamente o paiz. Tudo leva a crer que serão ponto de partida para a prosperidade e civilisação d'aquelle pequeno estado, que pela sua visinhança com Argel tanto se recommenda á benefica protecção da França. Sidi-Mohammed, pela iniciativa que tomou, promette ser digno da sua obra e d'este seculo, com que se quer identificar, pondo-se á frente da civilisação dos estados berberescos d'Africa septentrional e occidental.

PRINCIPADOS DE HOHENZOLLERN.

O territorio de Hohenzollern, situado na antiga Suabia, está mixto com o do Wurtemberg pelo sul, exceptuando uma parte, que é limitrophe do grão ducado de Bade. Até ha pouco dividia-se em dois principados soberanos, que faziam parte da confederação germanica.

No VIII seculo os primeiros avós da familia de Hohenzollern, ricos proprietarios do solo, exerciam na Suabia o officio de condes cantonaes. Trassilo, no qual se pretendem filiar, morreu no comêço do IX seculo. Dizem que era originario da familia suabia dos condes d'Altorf, que descendiam de Ettichon, duque de Alsacia, tronco das casas de Habsbourg, Lorena, e Bade. O que é, porém, mais certo, é que Frederico, conde de Zollern, levantou, ahi por 980, o castello d'este nome. Entre seus descendentes contam-se Frederico III, companheiro constante do imperador Henrique V; e Rodolpho II, que em 1164, perto de Tubingen, ganhou victoria assignalada ao conde palatino d'esta cidade, e foi algum tempo alliado do duque Henrique de Leão contra o imperador Barba-roxa. Dois dos quatro filhos de Rodolpho, Frederico IV, e Conrado, fundaram as duas linhas de principes da casa de Hohenzollern; a linha de Suabia, que até ha pouco possuia os dominios hereditarios da familia; e a linha de Franconia, da qual mais tarde saiu a casa de Brandebourg, familia real da Prussia.

Frederico IV, irmão mais velho do primeiro burgrave de Nuremberg, teve um filho, Eitel Frederico, que, segundo alguns escriptores, adquiriu tambem, depois da morte de seu tio, a burgravia franconense, e a deu em feudo a seu filho Frederico. Seja como for, a outro dos seus herdeiros, Eitel Frederico II, tocou o condado de Zollern. Esta linha entretanto não chegou a distinguir-se senão por fins do XV seculo, pelos serviços que prestou á casa d'Austria o descendente, em oitavo grão, de Frederico IV, Eitel Frederico IV, conselheiro privado do imperador Maximiano I, cavalleiro do tosão de ouro, e juiz da camara imperial. Foi em 1507 que este conde obteve o cargo hereditario de camareiro-mór do imperio, titulo que os principes de Hohenzollern tiveram até á dissolução do corpo germanico; assim como o senhorio de Haigerloch, em troca do de Razuns, no paiz dos Grisons. Morreu em 1512.

Seu filho Eitel Frederico V, amigo de mocidade de Carlos V em Bruxellas, subiu a general dos exercitos imperiaes, e morreu envenenado em Pavia em 1525. Carlos I, seu filho, herdou a benevolencia que o imperador tinha por seu pae. Os condados de Sigmaringen e de Vœhringen foram-lhe dados em 1534, pela extincção da familia dos condes de Werdenberg. Morreu em 1576, e seus dois filhos, que entre si dividiram os dominios, foram os chefes dos dois ramos, que até ha pouco os possuiram.

O fundador da linha de Hohenzollern-Hechingen, Eitel Frederico VI, filho mais velho de Carlos I, herdou o condado de Zollern propriamente dito, construiu o castello de Hechingen, e morreu em 1605.

João George, seu filho, conselheiro da camara imperial e aulica, foi elevado em 1623 á classe de prin-

cipe, e obteve que os primogenitos da sua descendencia conservassem este titulo, e os filhos segundos continuassem com o de conde. Morreu em 1624.

Seu filho Eitel Frederico (segundo de nome n'este ramo), coronel ao serviço do imperio, entrou em 1653 com direito de suffragio e assistencia no segundo collegio da dieta.

Teve por successor em 1661 seu irmão, antigo conego dos capitulos de Colonia e de Strasbourg, casado depois com dispensa do papa.

Seu filho mais velho, Frederico Guilherme, feldmarechal dos exercitos imperiaes, e commandante da praça de Fribourg, obteve em 1691 a extensão da dignidade de principe a todos os infantes dos dois ramos. Concluiu tratado de sussessão com a casa de Brandebourg, e reinou até 1732.

Seu neto José Guilherme Francisco deu aos seus subditos uma constituição, em virtude da qual deputados escolhidos pelo povo, dois pela capital, e dez pelas communas ruraes, se juntavam todos os annos para votar o imposto, e discutir as propostas do governo.

Este teve por successor em 1798 seu sobrinho Hermano Frederico Othon, que perdeu as possessões encravadas nos Paizes-Baixos, mas obteve algumas indemnisações em 1803, tornando-se soberano pela sua entrada na confederação do Rheno. Morreu em 1810.

Seu filho Frederico Hermano Othon, que nascêra em 22 de julho de 1776, foi coronel dos exercitos de Napoleão, e passou em 1813 para os alliados.

Em 13 de setembro 1838 teve por successor seu filho Frederico Guilherme Hermano Constantino, nascido em 16 de fevereiro 1801, e casado a primeira vez em 22 de maio 1826 com Eugenia Hortencia, filha do principe Eugenio de Beauharnais, duque de Leuchtemberg, da qual enviuvou em 1 de setembro 1847. Casou segunda vez morganaticamente em 13 de novembro 1850 com Amelia Sophia Carolina Adelaide, condessa de Rothembourg, filha de Carlos Frederico Luiz Ernesto, barão Schenk de Geigern de Sybourg, na Franconia, nascida em 13 de julho 1832. Frederico Guilherme, principe de Hohenzollern-Hechingen, era tambem burgrave de Nuremberg, duque de Sagan, na Silesia, conde de Sigmaringen, Vœhringen, Castilnovo, e Villalva del Alvor, senhor de Haigerloch e Wœhrstein, etc. Depois da convenção de 7 de dezembro 1849, e em virtude do pacto de successão, abdicou o governo do principado em favor do rei da Prussia, chefe de toda a casa de Hohenzollern, reservando para si direitos de principe soberano. Por uma real ordem do gabinete, de 27 de março 1850, recebeu o titulo de alteza, com as prerogativas de filho segundo da casa real. É tenente general ao serviço da Prussia, e chefe do 7.° regimento da milicia landwehz.

O estado de Hohenzollern-Hechingen tinha uma superficie de quatorze legoas quadradas, e uma população de 25.000 habitantes, a maior parte catholicos, distribuidos por uma cidade, tres villas, e vinte e cinco aldeias. Situado em terreno montanhoso, atravessado pelo Rauhe-Alp, confina com o Wurtemberg, Bade, e Hohenzollern-Sigmaringen. O paiz é banhado pelo Starzel, affluente do Necker, e por algumas pequenas torrentes tributarias do Danubio. Os seus valles, de que o Killerthal é o mais fertil, dão grãos em sufficiente quantidade para consummo dos habitantes; e suas florestas madeiras, cuja exportação é mui productiva. A unica industria do principado é o tessume da lã e a fiação do algodão.

O rendimento d'este estado chegava a 300.000 francos, mais d'um terço proveniente dos senhorios de Bünd, Wistraten, Mauflin, Baillonville, Gemeine e Strassberg, nos Paizes-Baixos. A sua divida publica andava por 1.200.000 francos. Tinha parte do 16.° voto na assemblea ordinaria da dieta, e um voto inteiro na assemblea geral. O principe professava a religião catholica.

A sua capital, e unica cidade, era Hechingen, pequena povoação de 3.000 almas, n'uma collina, ao pé da qual corre o Starzel. Sobre uma montanha visinha de 800 pés d'altura está o castello novamente restaurado de Hohenzollern, ou Zollern (porque *hohe* quer dizer *alto* em allemão), berço da familia que alli acaba de reinar, e da casa real da Prussia. Este castello fôra destruido por Henriqueta, condessa de Wurtemberg e Montbeliard, e reconstruido por meiado do XV seculo, depois que Josse-Nicolau, conde de Hohenzollern; Filippe, duque de Borgonha; Alberto, eleitor de Brandebourg; Carlos, margrave de Bade; e Alberto, duque d'Austria; armados de trolhas e martellos de prata, lhe lançaram solemnemente a primeira pedra.

O ramo segundo da casa de Hohenzollern, a linha de Hohenzollern-Sigmaringen, teve por fundador Carlos II, morto em 1606.

Este deixou o condado de Sigmaringen e Vœhringen a seu filho João, que foi elevado á cathegoria de principe do imperio em 1623, a reclamação do eleitor de Baviera, de cujo conselho privado era presidente. Entretanto os principes de Hohenzollern-Sigmaringen não obtiveram voto e assistencia na dieta senão em 1703.

Luiz Meinhard Francisco, que morreu em 1831, perdeu pela paz de Luneville os direitos feudaes que tinha aos senhorios neerlandezes de Boxmeer, Berg, Dixmuide, Gendrigen, Elten, Wisch, Pannerden, Muhlingen, assim como os dominios na Belgica. Como compensação recebeu o senhorio de Glatt com tres conventos. Entrando na confederação do Rheno passou a ser senhor d'um estado soberano; extendeu o seu dominio a muitos senhorios e conventos; e obteve não só a soberania de todas as terras nobres dos seus estados, mas tambem um vasto territorio sobre a margem septentrional do Danubio; e a suzerania dos dominios encravados nos seus, pertencentes aos barões de Spæth, aos principes de Furstemberg, e á familia de Tour, e Taxis. Em 1813 declarou-se pelos alliados. No anno seguinte o congresso de Vienna o reconheceu como membro soberano da confederação germanica. Alcançou a restituição das suas antigas possessões nos Paizes-Baixos, salvas as mudanças que os successos politicos lhes tivessem trazido.

Seu filho Carlos Antonio Frederico, nascido em 1785, e casado em 1808 com Antonietta Murat, sobrinha do rei de Napoles, começou a governar em 17 d'outubro 1831. Desde os primeiros mezes do seu reinado declarára a firme intenção em que estava de executar definitivamente o artigo 13.° do acto federal, por meio de acôrdo com os deputados do paiz. Só em 1833 póde cumprir essa promessa. Em 11 de julho d'esse anno foi promulgada a constituição. Os estados compunham-se de nobres de familia de principe, ou seus delegados, d'um deputado do clero, e de quatorze deputados das communas. Participavam da confecção das leis e da administração das finanças, votavam o imposto, e discutiam as propostas do governo. Este principe renunciou em seu filho Carlos, em 27 d'agosto 1848, e morreu em 11 de março 1853.

Carlos Antonio Joaquim Zeferino Frederico Meinhard, nascido em 7 de setembro 1811, principe de Hohenzollern-Sigmaringen, burgrave de Nuremberg, conde de Sigmaringen e Vœhringen, conde de Berg, senhor de Haigerloch e Wœhrstein, etc. succedeu a seu pae em 1848, e abdicou em favor do rei da Prussia, por acto de 7 de dezembro 1849, recebendo por uma ordem real de 20 de março 1850 o titulo de al-

teza, e as prerogativas de filho segundo da casa real. É tenente general ao serviço da Prussia, commandante da 14.ª divisão (Dusseldorf), e chefe do 26.º regimento de infanteria. Em 21 de outubro 1834 casou com a princeza Josephina Frederica Luiza, nascida em 21 de outubro 1813, filha do fallecido grão duque de Bade, Carlos Luiz Frederico. É d'esse consorcio que, em segundo logar, nasceu em 15 de julho 1837 sua magestade a rainha de Portugal, esposa d'el-rei D. Pedro v, a senhora D. Stephania Frederica Guilhermina Antonietta.

O principado de Hohenzollern-Sigmaringen, limitado pelo Wurtemberg e Bade, tem uma superficie de cincoenta e seis legoas quadradas, e uma população de 43.000 habitantes, repartidos por quatro cidades, sete villas, e setenta aldeias e aldeolas, a maior parte catholicos como era o seu principe.

O principado que comprehende a região do noroeste, e a meridional de todo o paiz, divide-se politicamente em duas partes; a primeira depende immediatamente do principe, e contém os bailios de Sigmaringen, Vœhringen, Haigerloch e Glatt; a segunda é formada das possessões senhoreaes e mediatas das casas de Furstemberg, Tour e Taxis, e do barão de Spœth.

As terras situadas ao sul, sobre a margem direita do Danubio, offerecem muitas planicies ferteis, e gozam de clima temperado. Na região septentrional, no lado opposto do rio, são pelo contrario pedregosas e ingratas, debaixo da temperatura aspera e fria produzida pela visinhança da cordilheira d'Alp, e suas immensas florestas. Entretanto a perseverança dos habitantes, animados pelo governo, chegou a vencer esta natureza esteril. A industria está menos adiantada que a agricultura. Consiste apenas na exploração e trabalho do ferro, e na fiação e tessume do linho e do algodão. O Danubio, que seria de grande soccorro ao paiz para as suas relações interiores e prosperidade commercial, não é ainda alli navegavel. Muitos affluentes, o Lauchart, o Schmiech, etc. o engrossam alli. O Necker, outro affluente d'este rio, tambem rega o principado, e recebe o Eyach e o Glatt.

As rendas do estado de Hohenzollern-Sigmaringen andavam por 600.000 francos, e a divida publica por 1.500.000. O seu direito de suffragio na dieta era o mesmo que o do principado de Hechingen. A constituição que introduziu no paiz o systema representativo fôra promulgada em 1833.

A cidade capital, Sigmaringen, é povoação de 2.000 almas, sobre a margem direita do Danubio, a nove legoas de Hechingen.

Haigerloch, sobre o Eyach, está situada n'uma região pittoresca, ao pé d'uma montanha coroada por um castello cercado d'altas muralhas. Tem 1.500 habitantes.

Trochtelfingen, cabeça de bailio nas possessões dos principes de Furstemberg, já não é povoada.

Os outros logares são menos consideraveis.

PEDRO DE STAUFFEN.

(Conto allemão).

(Concluido de pag. 366).

Chegou o dia feliz.

O sol principiava a acordar as plantas, quando a fada appareceu seguida das suas companheiras, trajando rico e gracioso costume.

Em quanto não vinham os convidados, a donzella pediu ao cavalleiro um momento d'entrevista a sós, ao que elle immediatamente accedeu, conduzindo-a para uma casa contigua.

— Considerae de novo no que ides fazer, lhe disse ella: ainda é tempo de vos arrependerdes. Se a paixão que deveis sentir por mim, se apagar, se por outro trocardes o meu amor, ficareis perdido. Um signal magico vos annunciará a vossa morte; e até ao vosso proximo fim, nunca mais vereis da minha pessoa se não o meu pé direito.

O cavalleiro lançou-se ao pescoço da amavel personagem, fez-lhe mil protestações d'amor, e com tal ardor a abraçou, que ella, para se subtrahir ás suas apaixonadas caricias, teve que fugir para as suas companheiras.

Casaram-se em fim.

Nunca festa nupcial alguma se fez com tanta pompa, e durou tantos dias.

Depois do consorcio, a noiva esposada parecia que de dia para dia crescia em formosura.

A feliz união produzia sobre ella o mesmo effeito que o sol da primavera sobre as flores.

Desenvolvia-se aos raios d'amor.

No fim d'um anno, durante o qual nada houve que perturbasse a sua felicidade, a fada deu á luz um menino, cuja belleza era para admirar.

Por esta epocha rebentou a guerra na França.

Dirninger era corajoso, amava a gloria, e quiz tornar o seu nome celebre.

Ainda que immortal, sua mulher tinha o orgulho irreflectido do sexo amavel.

Nem mesmo pensou em afastal-o dos campos da batalha.

Á partida, porém, parece que um triste presentimento lhe assaltou o coração.

Não havia arrancal-a dos braços do cavalleiro, e com as faces banhadas de lagrimas, supplicava-lhe não esquecer jámais as suas promessas, tendo sempre na lembrança sua mulher e seu filho.

Pedro associou-se com um grande numero de cavalleiros, atravessou o Rheno, e foi offerecer-se á causa franceza.

Logo ao primeiro encontro, mostrou uma sagacidade e uma bravura que mereceram os elogios do seu chefe.

Este chefe era um duque poderoso, ao qual não tardou em salvar a vida n'uma grande batalha.

O inimigo foi vencido, e olhava-se o cavalleiro de Stauffen como a principal causa d'este brilhante resultado.

Assignou-se desde logo a paz, com as mais vantajosas condições para os vencedores.

Compenetrado de gratidão, e querendo recompensar dignamente tão nobre e util campeão, o duque conduziu-o ao seu palacio e offereceu-lhe a mão da mais bella das suas filhas.

A nova desposada não era para resistir.

Possuia uma d'essas formosuras que acordam todos os desejos: os cabellos castanhos, a viveza do seu olhar, as bem arqueadas sobrancelhas, a bocca fina e voluptuosa, tudo, em fim, perturbava o coração de quem a visse.

Pedro de Stauffen deixou-se vencer.

A honra de se alliar a uma familia de principes causou-lhe uma tentação.

Uma grande difficuldade, porém, se oppunha a este novo consorcio, e era a sua união com a fada das aguas.

Pedro expoz tudo ao duque, ao que este, sacudindo a cabeça, respondeu com ar grave:

— Vós estaes duplamente penetrado por um espirito maligno. O demonio amparou-se de vós, sob a fórma seductora de uma mulher, e a vossa alma se perderá infallivelmente, se não romperdes essa união. A fim de que vos não reste a mais pequena duvida sobre a veracidade de quanto hei affirmado, consultemos o capellão.

— Pobre homem! exclamou o sacerdote; o ceo tenha piedade de vós. Deus não vos inspira o desejo d'esta gloriosa alliança, senão para vos subtrahir ás dores eternas, e é elle quem decidiu que o principe, sua filha e eu fossemos os instrumentos da vossa salvação. Quando a benção da egreja consagrar a vossa nova união, o phantasma se dissipará.

Pedro de Stauffen obedeceu por devoção e por amor: celebraram-se os esponsaes com a bella herdeira.

A nupcia devia ter logar quinze dias mais tarde.

O cavalleiro tinha posto o primeiro pé á borda do precipicio.

Na vespera da ceremonia, um dos guardas, que o mancebo tinha deixado na sua herdade, chegou durante a noite ao castello ducal, e lhe disse com ar consternado, que sua mulher e seu filho haviam desapparecido, que, debalde, os procuravam, e que ninguem dava noticias d'elles.

Pedro perguntou desde que epocha a fada estava ausente, e não pôde vencer uma certa emoção, calculando, depois da resposta, que ella deixára a sua habitação no proprio dia dos seus esponsaes.

Esta coincidencia, comtudo, o persuadiu cada vez mais de que ella era um phantasma, uma apparição encantadora e funesta.

No dia seguinte dispoz-se, com o maior sangue frio, a trahir o seu juramento.



O mancebo metteu o cavallo ao rio...—Desenho de Nogueira da Silva.—Gravura de Coelho Junior.

Os bellos olhos da princeza acabaram de acalmar as suas inquietações.

O casamento celebrou-se no campo, n'um castello de recreio.

A festa estava mui divertida; despejavam-se os copos, trocavam-se palavras cheias d'amabilidade; o coração do cavalleiro estremecia d'alegria, quando voltou olhos para a muralha mais proxima d'elle.

Qual foi o seu espanto e terror vendo um pé de mulher que caminhava sobre as lages.

Pedro conhecia aquelle pé encantador, e jámais esquecêra as predicções da fada das aguas.

Um suor frio lhe humedeceu o corpo.

Tentou duvidar do que via, e julgar que era illusão. Impossivel.

O seu unico recurso foi vencer as suas emoções. Despejou d'um trago a sua taça, encheu-a de novo, para ver se podia distrahir-se, mas só á custa de grande esforço conseguiu occultar a sua perturbação.

Levantaram-se finalmente para voltar ao palacio ducal.

No caminho havia uma ponte muito estreita; como a agua estava mui baixa, e deixava ver as pedras do leito, o mancebo metteu o cavallo ao rio; mas apenas tinha chegado a metade do vão, que a corrente se agitou: cresceu, encheu-se d'espuma, investiu o homem e o quadrupede; era uma verdadeira tempestade, como as que embranquecem as ondas do mar.

O cavallo empinou-se, deitou fóra da sella o cavalleiro, e ganhando a praia, deixou-o luctando com o furioso elemento.

A tempestade durou ainda alguns momentos; repentinamente a corrente tornou-se serena, como por effeito d'um poder sobrenatural; sua agua socegada tornou-se n'um espelho, em que o ceo se mirou e sorriu a si proprio.

Procuraram Pedro de Stauffen, porém elle desapparecêra sem deixar vestigios, e foi impossivel encontrar o seu cadaver.

Dirninger e a bella fada são celebres em toda a Floresta Negra.

Ainda hoje se mostra junto de Nussbach a fonte mysteriosa onde a fada habitava, e a pedra em que o cavalleiro a viu pela primeira vez.

Os carvalhos que assombram este logar consagrado são os mais velhos de toda a Allemanha, e foram de certo testimunhas dos seus amores....

N. S.

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA

(ELPINO NONACRIENSE).

II.

Tendo tomado posse do cargo de auditor, provavelmente nos primeiros mezes de 1764, Diniz assentou a sua residencia em Elvas, e ahi permaneceu durante alguns annos. Assiduo e recto no desempenho de suas funcções, conseguiu tornar-se bemquisto e respeitado do corpo a que pertencia, conciliando egualmente a estima e benevolencia publicas. Adquiriu em breve numerosas sympathias na classe mais escolhida e illustrada da cidade, não só por attenção devida ao merito que n'elle sobresaía, mas em razão da urbanidade obsequiosa com que, apesar do seu genio naturalmente taciturno e pouco communicativo, se facilitava aos amigos que requestavam a sua companhia, no intento de recrearem-se ou instruirem-se.

A casa de Francisco José da Silveira Falcato, pessoa notavel da cidade, e que depois serviu com distincção os logares de magistratura, era por esta epocha o ponto de reunião do que havia de melhor na terra. N'ella se ajuntavam, attrahidos do bom termo e amenidade do seu proprietario, varios individuos, pela maior parte mancebos, das familias mais polidas e abastadas, para passarem algumas horas de desenfado em recreativa e chistosa conversação. O nosso auditor tambem ahi se achava quasi quotidianamente, e devemos acreditar que não seria dos que menos concorriam para tornar aprazivel e instructiva esta pequena sociedade.

Tinha por estes tempos tido logar em Elvas uma celebre contenda entre o bispo D. Lourenço de Lencastre, e o deão José Carlos de Lara, motivada por não querer este offerecer o hyssope a s. ex.ª na sé, como d'antes praticava. Esta historia dera muito que fallar na cidade, servindo de thema para as conversações, e chegou a excandescer os cerebros de muitos sujeitos, levando-os a tomar partido, já por um, já por outro dos contendores. E posto que os mais cordatos dessem a estas frioleiras o peso que na verdade mereciam, nem por isso deixavam de divertir-se, ouvindo discorrer os apaixonados, que tomavam a peito esta questão, como se fosse de grande alcance e importancia. Quanto ao bispo e ao deão, qual d'elles mais fatuo e orgulhoso, estavam ambos persuadidos de que ninguem na terra pensava em outra cousa, e cada um inquiria e notava cuidadosamente os individuos que se declaravam a favor do seu contrario, olhando-os por esse facto como figadaes inimigos.

A sociedade que, como dissemos, se juntava na casa, ou, fallando á moda da terra, no *sotão* do Falcato, era totalmente estranha a taes pendencias; mas os que a compunham estavam longe de desprezar tão bom ensejo como se lhes offerecia, para darem pasto á sua hilaridade. Folgavam, pois, á custa dos apaniguados de uma e outra parcialidade, e de vez em quando levantavam elles proprios algumas petas e balelas, allusivas ao negocio, e lhes davam corpo, fazendo-as correr e espalhar pela cidade, indirectamente já se vê, para recolherem, a seu salvo, todo o effeito que se propunham.

Aconteceu entretanto que afflicto e envergonhado o deão Lara, ao saber que na metropole acabava de sahir-lhe contraria a sentença no recurso por elle interposto do accordão capitular, julgou altamente desacatados com esta decisão o seu decoro e dignidade. Entendeu que a sua honra exigia que não mais continuasse a exercer um cargo em que assim se víra ludibriado. Renunciou, pois, em seu sobrinho Ignacio Joaquim Alberto de Mattos, e passado pouco tempo partiu d'este mundo para a eternidade, deixando a todos a geral persuasão de que para isso concorrêra poderosamente o profundo desgosto que d'elle se apoderára, por ter ficado vencido na sua contenda.

O novo deão quiz seguir as pisadas do tio a todo trance, recusando-se abertamente a levar o hyssope ao bispo. D'esta recusa seguiu-se-lhe ser multado e reprehendido asperamente. Então melhor aconselhado (e não faltou quem dissesse que pelo proprio Diniz), interpoz recurso para o juizo da coroa, mediante um requerimento, em que expunha claramente o estado da questão, patenteava a miseria e extravagancia das pretenções episcopaes, e pedia a revogação do furibundo accordão, como dictado pelo espirito de mera adulação do cabido, e sem fundamento algum que o cohonestasse. Este requerimento foi, como era de esperar, remettido de Lisboa ao juiz de fóra d'Elvas para informar, ouvindo as partes. Bem temeram o bispo, e os conegos com elle mancommunados, ao saberem tal, que a solução do negocio não podia ser-lhes propicia; e assim, querendo prevenir o desaire de que se viam ameaçados, não descobriram outro arbitrio mais prompto que o de mandar trancar o celebrado accordão, dispostos a negar todos os factos que o deão allegava no seu requerimento.

No proprio dia em que sobreveiu este insolito e atrevido desfecho, entrava o deão Mattos no sotão de Falcato, onde era tambem admittido, e ia algumas vezes, posto que não fosse dos intimos da sociedade. Começou a narrar o caso aos circunstantes, acompanhando-o de todos os seus accessorios, e deixando-os maravilhados de verem tal descaramento do prelado e de seus adherentes. Na companhia estava presente um homem, ao qual um violento ataque de ophtalmia não só impedia o exercicio de ler e escrever, mas até lhe tornava incómmoda a visinhança da luz. Conservava-se por isso a alguma distancia, tendo ambos os cotovelos encostados sobre uma mesa, e sustentando o rosto com as mãos. Este homem era Antonio Diniz, que, apenas o deão deu por terminada a sua narrativa, e quando os outros se preparavam para fazer as reflexões que o caso suggeria, rompeu o silencio, pronunciando em tom pausado e solemne os tres seguintes versos:

> Do livro mandará riscar as multas;
> Negará tel-as feito, — e negaria,
> Se necessario fosse, o mesmo Christo!

Todos applaudiram esta saída extemporanea, e o Falcato tratou logo de escrever os versos, que por então formavam uma especie de epigramma, e que pouco ou nada mais promettiam. N'uma das noites seguintes veiu, porém, novamente o caso á collecção; e, repetindo-se aquelles versos, Diniz, que tambem

d'esta vez ahi estava, depois de alguns momentos de reflexão saiu-se com os seguintes:

Eu canto o bispo, e a espantosa guerra,
Que o Hyssope excitou na egreja d'Elvas.

O Falcato, habituado a tomar memorias de tudo, foi promptamente escrever mais estes dois versos, e assim ficaram as cousas até que, passados dois ou tres dias, entrou Diniz no sotão em occasião que o dono da casa estava só. — «Meu amigo (lhe disse aquelle) temos obra! Deixa-me ver os versos que ahi tens escriptos.» — Lidos que foram, continuou: «Escreve, que eu passo a dictar um poema.» E com effeito lhe dictou velozmente e em seguida os cem primeiros versos, pouco mais ou menos. Nos dias immediatos renovou-se o mesmo processo, de modo que, ao cabo de dezesete, estava o poema concluido, compondo-se então de seis cantos. E convem notar, que foi tudo escripto pelo amanuense, sob o dictado de Diniz, que mal convalescido da sua enfermidade, continuava na mesma impossibilidade de ler e escrever.

Este original ficou em poder de Falcato, que ainda no anno de 1805 o conservava no mesmo estado em que então foi visto pela pessoa que d'elle soube todas estas particularidades. Mas o poeta tirou para si uma cópia, que guardou, e consta que se extrahiu outra para o thesoureiro-mór da sé, Antonio Mendes Sacchetti, que, por ser da sociedade familiar e intima da casa, assistíra a parte da composição, e talvez a coadjuvára com suas informações.

Em quanto Diniz se demorou em Elvas nada mais transpirou ácerca da existencia de tal poema, que era um segredo entre os tres referidos; porém, retirando-se elle annos depois para Lisboa, os dois amigos não poderam mais conter-se, e deixaram ver as suas cópias e algumas pessoas, d'onde proveiu vulgarisar-se a noticia da obra, e o conhecimento do seu auctor.

Para consignar aqui o mais que a este respeito alcançámos, diremos que vindo á capital, por motivo de seus negocios, o doutor Caetano José Vaz de Oliveira, advogado em Elvas, contemporaneo e amigo do poeta na universidade, e de quem este falla com algum louvor no canto VI, foi hospedar-se em casa de Theotonio Gomes de Carvalho. Aconteceu que na mesma casa estivesse já hospedado desde algum tempo Antonio Diniz, cuja amizade para com Theotonio era inalteravel. Pediu, pois, o doutor Caetano e obteve que Diniz lhe confiasse o seu *Hyssope*, do qual tirou uma cópia, bem que incorrecta, por não ser versado na metrificação, e a levou comsigo para Elvas ao recolher-se a sua casa. D'esta cópia, assim mesmo viciada, é que, por condescendencia do dono, facil em a mostrar aos seus amigos, se espalhou a maior parte das que giraram pelas mãos dos curiosos em quanto o poema se conservou inedito. A proporção que ellas se multiplicavam, cresciam tambem os erros, descuidos e omissões, como é inevitavel em taes casos: e por isso não são de extranhar a notavel desconformidade e as variantes que essas cópias apresentam, e que muitas vezes terão tido occasião de observar os que as conferirem entre si.

O acaso permittiu que uma d'ellas viesse ter á mão do conde de Oeiras, primogenito do primeiro marquez de Pombal. Este, desejando possuir um transumpto mais correcto, e sabendo que o auctor era hospede de Theotonio Gomes de Carvalho, pessoa bem acceite ao marquez pae, e d'elle egualmente conhecida, tratou de haver por sua intervenção a cópia que pretendia. Obtida que foi, mostrou-a ao marquez, que, segundo dizem, folgou muito de a ler. Quando, pouco tempo depois, Diniz lhe foi agradecer o seu despacho para desembargador da relação do Rio de Janeiro, o proprio marquez consta lhe fallára no poema, gabando-lhe a sua composição. E, ou porque assim lh'o pedissem, ou porque elle levasse em vista obsequiar aquelles senhores, o certo é que se deliberou então a retocar, addir, e corrigir o dito poema, ao qual deu nova fórma, augmentando consideravelmente o canto IV, que dividiu em dois, compondo de novo todo o subsequente, e passando assim para VII o que d'antes era V, e o VI para VIII. E d'esta fórma o remetteu do Rio de Janeiro ao marquez, acompanhado, segundo consta, de varias notas, feitas de seu proprio punho.

Quando, muitos annos depois, no de 1790, Diniz veiu por ultima vez a Lisboa, encontrando-se aqui com o seu antigo amigo Falcato, mostrou-lhe o poema assim augmentado, facultando-lhe que tirasse cópia d'elle n'este estado: e é esta a que, passando por emprestimo a outras mãos, serviu para novos transumptos, até que um d'elles, posto que não mui correcto, foi parar ás de pessoa que o fez imprimir pela primeira vez em Paris, sob a indicação de Londres, no anno de 1802, já depois da morte do auctor.

A introducção dos exemplares d'esta edição, que vieram para Portugal, soffreu immediata e rigorosa prohibição por parte da policia; e o intendente Manique, com assenso do ministro d'estado D. Rodrigo de Souza Coutinho, que assim lh'o approvou em aviso de 21 d'abril de 1803 (o qual achámos registado no archivo competente) publicou em seu nome um edital, mandado affixar em Lisboa, e nas comarcas do reino, «ordenando que todo aquelle que tivesse na sua mão algum dos ditos exemplares, fosse entregal-o aos ministros territoriaes, ou na secretaria da intendencia; sob pena de, não o cumprindo, ficar sujeito, findo o termo peremptorio de trinta dias, á pena de degredo para um dos presidios d'Africa por tempo de dez annos!»

Apesar d'este rigor, e das pesquizas empregadas, escaparam todavia alguns exemplares, que clandestinamente e com grandes cautelas se vendiam pelo modico preço de 1.200 réis, brochados, e em papel de infima qualidade!

Appareceu depois o erudito Verdier com as suas edições de 1817 e 1821, nas quaes emendou e restituiu alguns logares viciados, mas não todos, pois ha ainda bastante a corrigir, como são nomes alterados, palavras trocadas, e até versos inteiros omittidos. Já por vezes nos lembrámos de tentar uma nova edição critica e esmerada, não só pelo que toca á correcção e pureza do texto, mas pelo addicionamento de copiosas notas historicas e explicativas com respeito a todos os personagens, factos e allusões introduzidas pelo poeta, e de que uma boa parte são hoje quasi inintelligiveis por falta de commentario. Para isso estavamos cabalmente habilitados, por possuirmos um precioso trabalho escripto por pessoa que nos principios do presente seculo passou pessoalmente a Elvas, onde se informou com escrupulo e prolixidade, sem deixar escapar por alto a menor circunstancia, que não acompanhasse de minuciosas explicações. Mas valerá a pena de o fazer, na contingencia de não reembolsar, ao menos, a despeza do custeamento? Pensaremos n'isto mais de espaço.

Por ora tratemos de historiar o que ainda nos resta a dizer da vida do poeta.

(Continúa).

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

QUAL SERÁ A FUTURA CÔR DO DIABO?

Não poucos e diffusos são os pontos que a moderna theoria social tem de resolver para levar a effeito

a união fraternal de todos os povos. Apresentâmos um, como bom exemplo.

Os negros pintam o diabo branco, e os brancos representam-no preto. Por em quanto tem ambos razão e dupla razão. É a primeira a razão da belleza relativa. A segunda é a razão dos preconceitos moraes, politicos e religiosos, que nutrem uns e outros. Quando, porém, soar a suspirada hora do abraço fraternal, parece-nos que ambos tem de mudar a côr ao seu diabo. Como isto se fará, não o podêmos nós dizer. Talvez por meio de um congresso mixto de theologos de todas as côres se discuta e defina a nova côr do diabo. Ora, á primeira vista, a cousa parece facil; mas, apalpando-a bem, encontrâmos-lhe muito espinho. E se não vejamos.

Poucas são as côres de que a pelle das diversas raças humanas não partilha, e nenhumas aquellas com que deixam de se enfeitar. Assim, o malaio pronunciar-se-ha contra o amarello; o indigena da Nova Hollanda, contra a côr de café e de chocolate, por ser côr com que pinta o rosto; o da Tanna, contra a côr de bronze e verde, porque enfeita a cabeça com folhas enroladas; o da Nova Zellandia, contra a côr de chocolate; os da Nooth e os Kamstchadalo, contra a côr de morango; o lonzouana, contra a côr de café com leite; o hottentote, contra o amarello torrado, etc.

Vê-se, portanto, que para a cousa ir ávante tem de acontecer ao diabo, de duas uma: ou ficar eliminado, ou ficar sem côr.

Se tal acontece, perdem os pintores no jogo.

N. S.

PRESENTES DE CAIXÕES PARA DEFUNCTOS.

Na China, paiz das originalidades ou dos contrastes com os costumes europeus, é particular testimunho d'amizade offerecer a qualquer pessoa um esquife para se enterrar.

Os chins reputam o ataúde traste indispensavel para quando se morre, e objecto de luxo e de fantasia em quanto se vive.

Nas grandes cidades ha bellas lojas onde expõem artisticamente as tumbas, e é de ver o cuidado e gosto com que são pintadas e acharoadas, para excitar o appetite dos viandantes e tental-os a compral-as. As pessoas ricas não deixam com effeito de se prover a tempo, e segundo seu gosto particular, de caixão que lhes quadre bem. Esperando que chegue a hora de n'elle se deitarem, guardam-nos em casa como mobilia de luxo.

Dar um ataúde é, principalmente para filhos bem educados, excellente meio de testimunhar o amor filial para com seus paes.

Quando qualquer doente se julga incuravel, se tem a felicidade de estar rodeado de pessoas amigas, não deixam de lhe comprar um esquife, e de lh'o collocar ao lado da cama. Nas provincias ruraes, onde não ha caixões feitos, chamam carpinteiro, que toma medida ao doente, tendo quasi sempre cuidado de lhe observar que fará o caixão mais avantajado, porque ao morrer todos se inteiriçam: discute-se e ajusta-se o preço da obra, quando a familia é pobre, e d'alli passa o carpinteiro a preparar a madeira, ás vezes na presença do moribundo, ou a distancia em que este ouve a bulha dos preparativos funebres. Tudo isto se pratica sem emoção, e com inalteravel socego.

Os ataúdes são accommodados á fórma do corpo, e feitos de grossas taboas. Ha confrarias ou associações para fornecer tumbas aos mortos desamparados, ou que não tem parentes que lhes façam funeral. Os chins, cujo caracter é essencialmente egoista, tem mais compaixão pelos mortos, do que pelos vivos.

C.

CASAS DE CORNOS DE BOI E DE CARNEIRO.

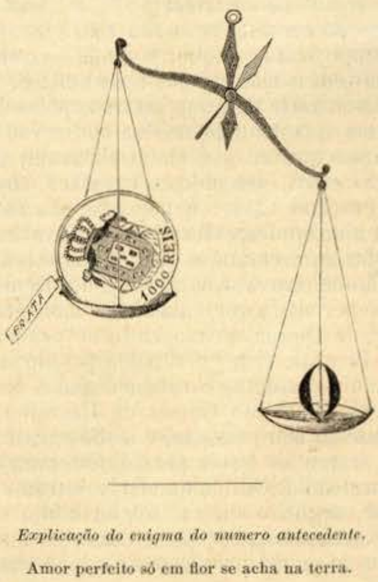
A paginas 328 fallámos dos costumes do reino do Thibet: hoje daremos alguma noticia da sua capital Lha-ssa. Não é grande cidade; terá quando muito duas legoas de circuito, sem cêrca de muros ou de baluartes, como ha nas cidades da China, paiz com que o Thibet tem muitas relações e analogias. Nos arredores ha muitos jardins com bellas arvores, que formam como uma cinta verdejante em roda da cidade.

As principaes ruas de Lha-ssa são muito largas, bem alinhadas, e não sujas; pelo menos quando não chove. As casas são em geral grandes, altas, de bom aspecto, construidas de pedra, de tijolos, e outras de terra calcada; mas tão perfeitamente branqueadas, que parecem todas feitas com os mesmos materiaes. Nos arredores ha um bairro, cujas casas tem as paredes inteiramente feitas com pontas de boi e de carneiro, nuito solidas, e de agradavel apparencia. Os cornos de boi, lizos e esbranquiçados, de mistura com os de carneiro, escuros e escabrosos, prestam-se maravilhosamente a muitas combinações, formando com argamassa desenhos vistosos e variados sobre os muros. Estas casas são as unicas que não são branqueadas, tendo os thibetanos o bom gosto de lhes não alterar a selvagem e phantasiosa belleza, com que tal construcção as caracterisa.

Lha-ssa não conta mais de 40:000 habitantes, boa parte forasteiros que vem de todas as regiões da Asia, em romaria religiosa. Os edificios principaes são os templos publicos, e o mais notavel é o palacio-templo do Talé-lamá, famoso não só no Thibet, como em todo o mundo, e do qual trataremos n'outra occasião.

C.

ENIGMA PITTORESCO.



Explicação do enigma do numero antecedente.

Amor perfeito só em flor se acha na terra.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B